

CONHECIMENTO DOS VÍRUS FIV/FELV E MEDIDAS PREVENTIVAS ADOTADAS POR TUTORES DE FELINOS NO RIO GRANDE DO SUL

LETÍCIA CORRÊA VANASSI¹; TEIFFNY DE CASTILHOS²; VITÓRIA OLIVEIRA MACIEL²; CAROLINA SILVEIRA BRAGA²; MARIANA RACHEL GRAZZIOTIN PEDRONI²; CAROLINA DA FONSECA SAPIN³

¹Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – leticiavanassi@hotmail.com

²Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – teiffnydecastilhos@gmail.com

²Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – vickmaciel71@gmail.com

²Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – carolina.braga@fsg.edu.br

²Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – mgrazziotinpedroni@gmail.com

³Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG – carolina.sapin@fsg.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A população de gatos como animais de estimação tem aumentado no Brasil, assim como a preocupação com a sua saúde e bem estar. Porém, ainda há falta de conhecimento pelos tutores acerca de duas doenças virais de grande importância na medicina felina, são elas: a imunodeficiência felina (FIV) e leucemia viral felina (FeLV), ambas pertencentes à família *Retroviridae* (TURRAS, 2014).

O vírus da FIV pertence ao gênero *Lentivírus*, o qual pode ficar por um longo período em latência, podendo o animal permanecer assintomático por anos, tornando-se um reservatório viral (TURRAS, 2014; FIGHERA & GRAÇA, 2017). A transmissão pode ocorrer de forma horizontal, pelo contato com a saliva do animal portador e através da mordedura, e de forma vertical, via transplacentária (FIGHERA E GRAÇA; 2017). São fatores de risco o acesso dos animais à rua e a alta densidade populacional. Além disso, os machos não castrados, devido ao comportamento agressivo, disputa territorial e por fêmeas, apresentam uma incidência quatro vezes maior que os demais. As manifestações clínicas podem decorrer tanto da infecção em si, em sua fase aguda, onde o animal pode apresentar febre, leucopenia, linfoadenopatia generalizada, depressão e anorexia, quanto da imunossupressão associada, incluindo desordens hematológicas, doenças da cavidade oral, estomatites, neoplasias hematopoiéticas, em especial os linfomas e distúrbios neurológicos e oftalmológicos (TEIXEIRA et al., 2007; TURRAS, 2014; FIGHERA e GRAÇA, 2017).

A FeLV por sua vez é causada por um *Gammaretrovírus*, o qual possui 4 subtipos (A, B, C e T) (PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014). O vírus penetra no organismo através da orofaringe, realizando sua replicação nos tecidos linfoides e linfonodos regionais e posteriormente em monócitos e linfócitos. Através da corrente sanguínea é transportado para a medula óssea e órgãos linfoides, difundindo-se para o corpo, infectando por fim células epiteliais de todos os tecidos, como glândulas salivares, mucosa oral, orofaringe e vesícula urinária. Sua excreção se dá por fluídos corporais. Diversos fatores como idade, carga e tipo viral, estado imunológico e doenças concomitantes influenciam no curso da infecção (PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014). A transmissão do vírus ocorre pelo contato com secreções de animais contaminados, através de lambidura, mordidas, compartilhamento de vasilhas de alimento, caixas de areia, além da transmissão venérea e gestacional, que frequentemente resulta em natimortos. Esta acomete principalmente animais jovens, entre um e cinco anos (TEIXEIRA et al, 2007; PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014). Devido à imunossupressão o vírus

pode provocar diversas doenças fatais, sendo as mais comuns linfomas, anemias, leucemias mieloides e linfóides, enterites e doenças reprodutivas (TURRAS, 2014).

O diagnóstico é realizado através de exames clínico e laboratoriais. O método mais empregado na clínica é o teste sorológico (ELISA), através do SNAP combo FIV/FeLV que possui alta especificidade, sensibilidade e praticidade (PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014). O objetivo deste trabalho é demonstrar o conhecimento dos tutores de felinos acerca da FIV e FeLV, bem como elucidar o estilo de vida e ocorrência dos animais infectados no Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Foi elaborado um questionário observacional com intuito de analisar o conhecimento dos tutores de felinos quanto às doenças virais. O questionário dispunha de 10 questões fechadas com perguntas referentes ao número de animais de estimação, tipo de moradia, acesso dos animais a ambientes externos, contato com outros felinos, conhecimento e testagem de FIV e FeLV, resultados dos testes, doenças recorrentes apresentadas pelos animais infectados e protocolo vacinal destes animais. O questionário foi disponibilizado de forma online nos dias 7 e 8 de setembro de 2020, através da plataforma Google Forms. O preenchimento foi realizado de forma anônima e voluntária.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

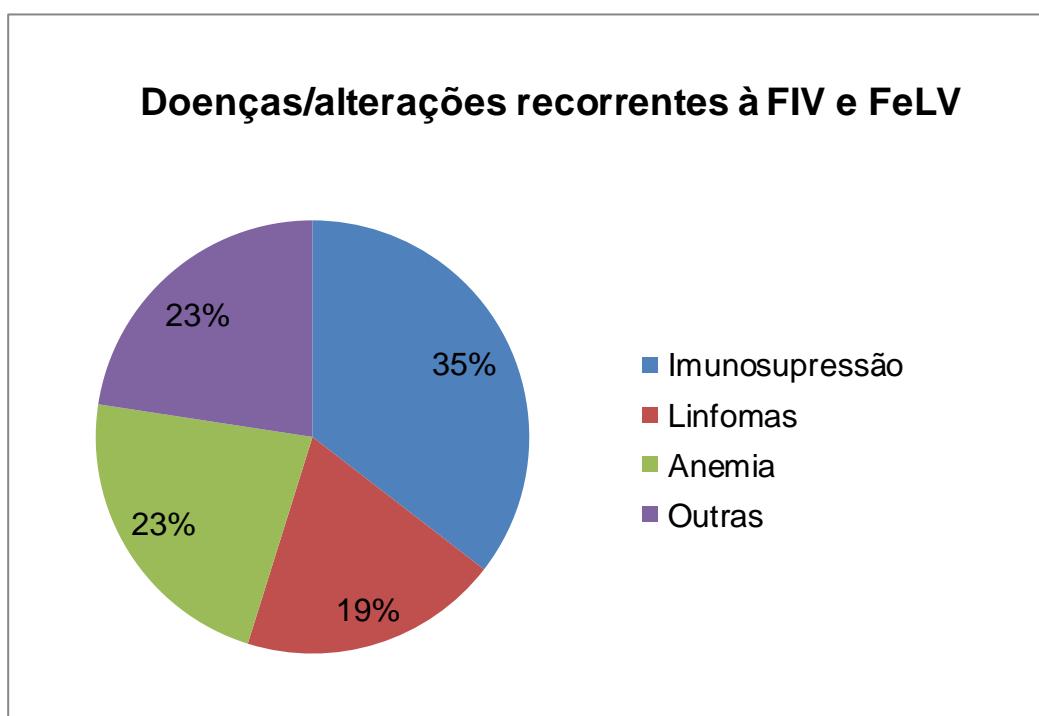
Foram avaliadas 101 respostas de tutores de gatos domésticos. Desses, 54.5% (n=55) possuia apenas um gato; 24.8% (n=25) dois; 10.9% (n=11) três, e 9.8% (n=10) dos tutores afirmaram possuir quatro ou mais de cinco gatos como animais de estimação. O fato de pelo menos dois terços dos tutores possuir um ou dois gatos é um dado positivo, uma vez que um dos fatores para a disseminação das duas doenças virais é a alta densidade populacional (PAULA et al., 2014).

Quando questionado o tipo de moradia, 43.6% (n=44) dos tutores residiam em apartamentos; 37.6% (n=38) em casa com pátio e 18.8% (n=19) em casa. A maior parte dos tutores (62.4%) não permitia que o animal saisse das dependências da sua moradia; 26.7% (n=27) afirmaram que seus animais possuíam acesso à rua, e 10.9% (n=11) apenas esporadicamente. Além disso, a maioria dos animais (81.2%) não possuia contato com felinos externos. Medidas como o isolamento social e evitar o acesso dos animais a ambientes externos são maneiras eficazes de controle e prevenção da imunodeficiência felina e leucemia viral felina. Embora grande parte dos tutores da pesquisa adotem estas medidas de prevenção com seus animais, observa-se que este é um hábito que está longe de sua totalidade (PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014).

Quanto ao conhecimento dos vírus da FIV e FeLV, 82.2% (n=83) afirmaram ter conhecimento sobre os vírus; 12.9% (n=13) não; e 5.9% (n=5) talvez; e quando questionados se já haviam realizado a testagem (SNAP FIV/FeLV) dos animais 51.5% (n=52) nunca havia realizado o teste para detecção das doenças, enquanto 48.5% (n=49) já haviam testado. Esses dados indicam que há um aumento da preocupação dos tutores, uma vez que houve a procura por orientação de um médico veterinário, ou por informação sobre a saúde do seu felino. Porém, ainda há um longo caminho para a conscientização dos tutores sobre a testagem dos animais, uma vez que é indispensável para o correto diagnóstico da FIV e FeLV (PAULA et al., 2014; TURRAS, 2014).

Dos 49 animais que haviam sido testados para as doenças, 78.8% testaram negativo e 21.2% positivo. É importante ressaltar que a testagem possui caráter imprescindível, uma vez que a doença pode permanecer assintomática por um longo período (TURRAS, 2014; FIGHERA & GRAÇA, 2017). Dentre as doenças/alterações recorrentes que os animais positivos apresentavam a imunossupressão foi a de maior frequência (Tabela 1). Quadros de imunossupressão geralmente estão associados as infecções pelos vírus da FIV e FeLV, o que pode funcionar como uma porta de entrada para diversas outras patologias (TURRAS, 2014; FIGHERA et al., 2017).

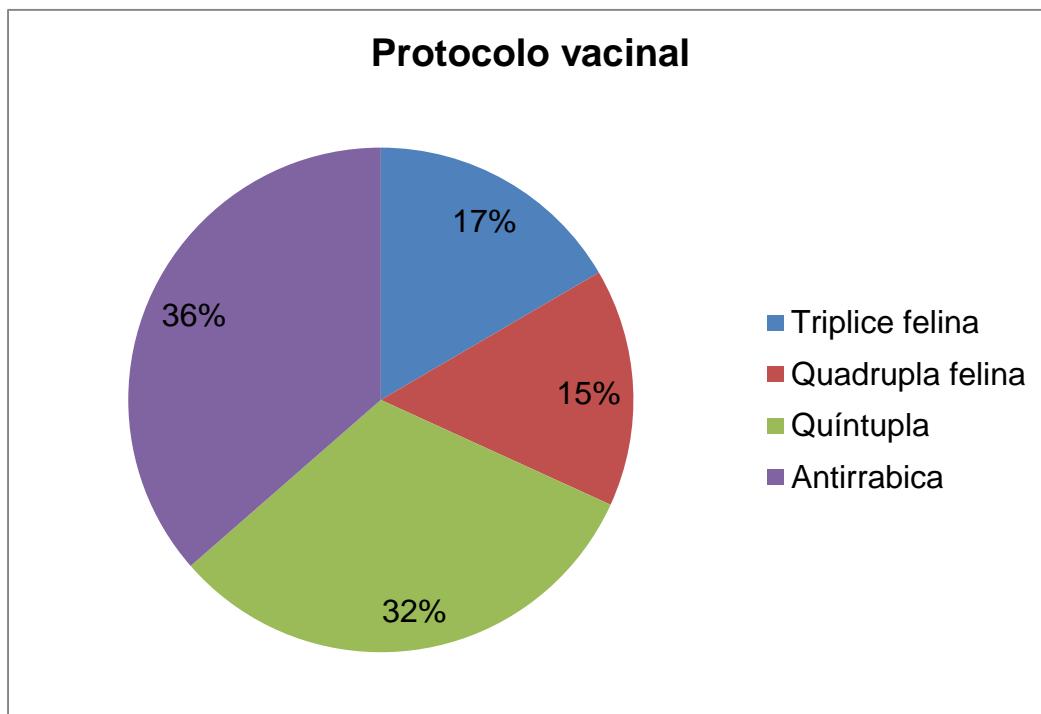
Tabela 1. Doenças/alterações recorrentes à FIV e FeLV apresentadas pelos



gatos testados positivos (n=17).

Com relação ao protocolo vacinal para gatos, 79.2% (n=80) afirmou conhecê-lo. Ainda, 32% relatou realizar o protocolo com a vacina quintupla felina anualmente (Tabela 2). Esta vacina é a única capaz de prevenir a FeLV, embora não seja 100% eficaz observa-se uma diminuição drástica da infecção com o uso da mesma (PAULA et al.; TURRAS, 2014).

Tabela 2. Relação dos protocolos vacinais anuais utilizados nos felinos da pesquisa (n=101).



4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a maioria dos tutores de gatos demonstrou um conhecimento básico acerca da imunodeficiência e da leucemia viral felina, sendo que 62.4% destes não permite que o animal tenha acesso às dependências externas. Boa parcela nunca havia realizado o teste rápido para FIV/FeLV e o protocolo vacinal com a quíntupla felina, demonstrando que é necessária uma maior disseminação de informações para conscientização dos tutores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGHERA, R.A.; GRAÇA, D.L. Sistema Hematopoético. In: SANTOS, R.L.; ALESSI, A.C. (Org.). **Patologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Roca, 2017. Cap.6, p.311-406.

PAULA, E.M.N.; CRUZ, C.A.; MORAES, F.C.; SOUSA, D.B.; BARTOLI, R.B.M. Características epidemiológicas da Leucemia Viral Felina. **PUBVET**, Londrina, v.8, n.16, p.n.p, 2014.

TEIXEIRA, B.M.; RAJÃO, D.S.; HADDAD, J.P.A.; LEITE, R.C.; REIS, J.K.P. Ocorrência do vírus da imunodeficiência felina e do vírus da leucemia felina em gatos domésticos mantidos em abrigos no município de Belo Horizonte. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.** Belo Horizonte, v.59, n.4, p.939-942, 2007.

TURRAS, M.C.C.D. **Estudo da prevalência de FIV/FeLV numa população de 88 gatos errantes da região metropolitana de Lisboa**. 2014. 62f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Curso de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.